

Título: As imensas e a vida

Ano: 1991

Autora: Aldina Juvenil

Catique da Grécia

▲ MAIO/1991

■ N.º 8

● ALDEIA
JUVENIL



As Meninas E a Vida

As histórias de
Lúcia e Minella



■ APRESENTAÇÃO

RENASCIMENTO

A descoberta da vida tem sido a principal semente de todos os renascimentos, que, de tempos em tempos, empurram a humanidade para alguma revolução -silenciosa ou não. Há vários anos, professores e alunos por força de uma vivência própria começaram a mudar o perfil do ensino para provarem, hoje, que o lado de fora da escola também ensina. As vezes, ensina mais e melhor. Não que a escola seja descartável, mas que ela pode, deve e precisa ser diferente.

E alguma coisa vem acontecendo.

No mundo inteiro, as mulheres e as meninas, finalmente, foram reconhecidas como prioridade para que o mundo supere suas desgraças. A história da menina Line é um exemplo sólido que prova que amor e prazer não têm paralelos. Foi o que buscou Mirella em seus 16 anos, em uma louca vontade de ser feliz, eterna e o que mais viesse. E se o assunto é vida, os indiozinhos Uru-Eu-Wau-Wau dão uma excelente receita: basta ser a natureza. Parece que não há nada além.



■ PRELÚDIOS

MENINAS

As experiências autônomas das comunidades vêm transformando as escolas com a vida.

PÁGINA

8

Capa: Elizabeth/RJ



ESCOLA

Line e Mirella são duas histórias diferentes de uma mesma necessidade: o amor.

PÁGINA

18

Catique da Leréia

MAIO
1991
Nº08

publicação
da Assessoria
de Comunicação
Social da
ALCEA JUVENIL

coordenado

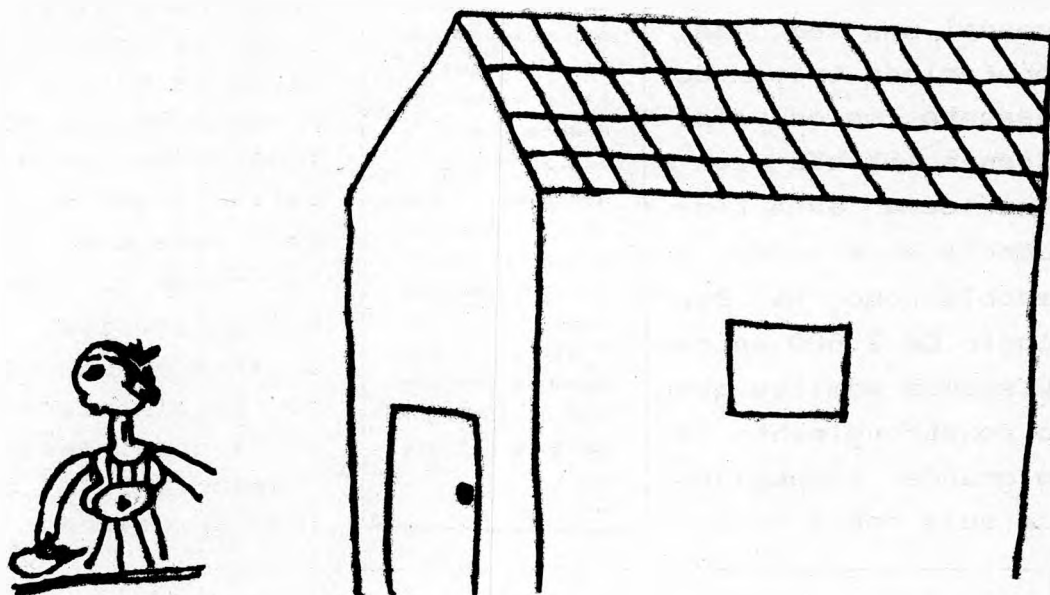
editor: Paulo José
colaboram nesta edição:
Nilton José, Taachihua
Yapali, Cida Alves, Eurí-
podes Júlio, Marcelo Sôá,
Glacy Rouse, Jacco von
Puttkamer e Mirella

apoiado: Editora UCA/MS
COTA: 144-000000-00

Av. Universidade, 1440
C.P. 86 CEP 74000
Goiânia-GO-725-1189



"EU VOU ENTRAR NA ALDEIA"



"Quando eu soube que tinha o Projeto Aldeia Juvenil, eu falei para a minha mãe e meu pai: 'eu vou entrar na Aldeia'."

Djosey, 17 anos

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS
aldeia juvenil



BLA-BLA-BLA

AULA SEXUAL

Pesquisa realizada em sete capitais brasileiras pelo Centro de Sexologia de Brasília mostra que 80% dos adolescentes entre 11 e 19 anos não gostam de educação sexual nas escolas, preferindo tratar do assunto com os pais. Apenas 15% são contrários a esta tendência e defendem a escola como um bom lugar. Os 3.600 entrevistados admitem que o constrangimento é o grande empecilho de aula sobre sexo.

AIDS

A aids poderá ser a principal causa da mortalidade infantil em todo o mundo, na década de 90. A estimativa é da Organização Mundial de Saúde, que calcula em 100 milhões o número de crianças que terão o vírus da doença até o ano 2000. Atualmente, elas são 400 mil. No Brasil, o Ministério da Saúde estima que entre 4 mil e 5 mil pessoas com menos de 15 anos terão Aids até 1994.

ÓRGÃOS INFANTIS

O Congresso Nacional abre este semestre uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar as constantes denúncias da imprensa internacional sobre a venda de órgãos de crianças brasileiras para os países do Primeiro Mundo. Desde 1984, apenas para a Itália foram "exportadas" sete mil brasileiros. Os órgãos custam até 100 mil dólares e uma criança totalmente retalhada pode render ao "comerciante" 1,5 milhão de dólares.



VISÃO

DO CARTUNISTA
LOR, PUBLICADO
PELO BOLETIM
DA UFMG.

SIMPSONS

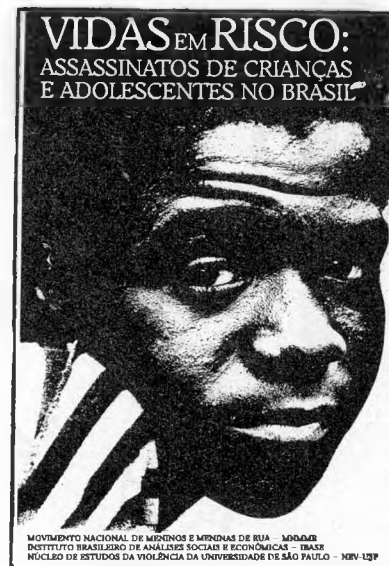
A família Simpsons chegou ao Brasil. O desenho animado criado pelo desenhista de quadrinhos Matt Groening, é sucesso nos Estados Unidos, apesar de deixar muita gente confusa sobre os Motivos.



O personagem principal é o garotinho Bart Simpson, um filho querido que nenhum Bóbi Pai adotaria. A criatura é o demônio em forma de anjo. O princípio de Bart é desobedecer, reincidir no crime e não ter nada, absolutamente nada do que se orgulhar.

ASSASSINATOS

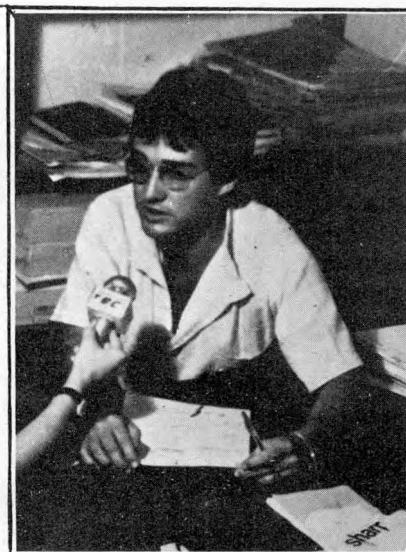
O Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas e o Núcleo de Estudos de Violência da USP estão lançando o livro "Vidas em Risco: Assassinatos de Crianças e Adolescentes no Brasil". Em 112 páginas, os organizadores traçam o perfil das vítimas e dos acusados dos crimes. Entre março e agosto do ano passado, 457 crianças e adolescentes foram assassinados nas regiões metropolitanas de São Paulo, Recife e Rio de Janeiro. Em 80% dos casos, os criminosos usaram arma de fogo. O estudo mostra que a maioria das vítimas não ti-



nha antecedente criminal, não portava arma e nem usava drogas. 40% deles tinham família e endereço fixo. A média dos assassinatos que era de um a cada dois dias, em 1989, passou para mais de um por dia. Os acusados são policiais, seguranças de particulares, grupos de extermínio e traficantes.

NOVA COORDENAÇÃO NO CEPAJ

O professor Edson Lucas Viana é o novo coordenador-geral do Centro de Estudos e Pesquisas Aldeia Juvenil da Universidade Católica de Goiás. Ex-coordenador do pólo do Jardim Nova Esperança, Lucas foi indicado e escolhido pela equipe interna da Aldeia Juvenil. Ele substitui a professora Norma Aparecida Cardoso, que ocupava interinamente o cargo desde outubro do ano passado.



EDSON LUCAS, COORDENADOR DO CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ALDEIA JUVENIL

VIDA

PRIORIDADE ZERO



A concretização desta idéia significa, também, a melhoria de vida dos homens e um desenvolvimento econômico-social que pode mudar o miserável perfil do planeta, particularmente nos países do Terceiro Mundo.

A constatação não é nova, mas somente agora ganha forças, com o Plano de Ação em defesa das crianças na década de 90, discutido por 150 países, entre eles o Brasil, no final do ano passado. O Plano sugere quatro ações básicas: progresso econômico, programas de planejamento familiar, melhorias para a mulher e redução na mortalidade infantil. Na prática, eles não podem ser separados, mas a ênfase na prioridade às meninas é seguramente o eixo do qual dependem os demais.

Centenas de estudos e pesquisas nos últimos anos mostraram às autoridades governamentais e não governamentais que o aprimoramento da condição de mulher -status, emancipação e educação- é a

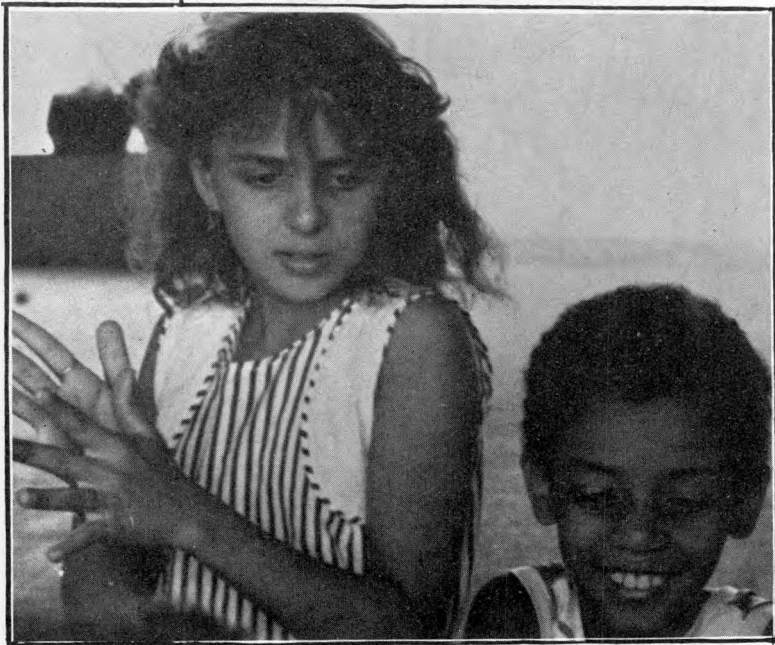
DEMOROU, MAS O MUNDO CHEGOU A UM CONSENSO: NÃO HÁ INVESTIMENTO MELHOR PARA O PROGRESSO DA HUMANIDADE DO QUE ELEVAR AS CONDIÇÕES DE VIDA DAS MULHERES E GARANTIR UMA EDUCAÇÃO BÁSICA AS MENINAS.



PJ

principal ação para diminuir as taxas de mortalidade e natalidade e elevar os níveis de vida da população. Na Colômbia, a seriedade de programas educacionais para as mães conseguiu reduzir a taxa de mortalidade de 135 para 42, em cada mil crianças nascidas vivas.

P.J.



MÃES EDUCADAS aumentam as oportunidades de sobrevivência para os filhos, adquirem conhecimentos indispensáveis e conquistam, por fim, o direito de decidir por si

mesmas quantos filhos pretendem ter e quando. Ao mesmo tempo, a educação básica desenvolve sua consciência sobre a gravidez, o parto, o aleitamento, a importância da vacinação e amplia sua participação na vida política e social. Em todo mundo, uma realidade contrária provoca, anualmente, a morte de 500 mil jovens mães. Desinformadas, elas pouco conhecem sobre contracepção, espaçamento entre partos ou cuidados fundamentais durante e depois da gestação.

Um outro complicador, segundo relatório do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), é que "a morte de uma criança leva os pais a quererem substituir esse filho, provocando uma nova gravidez mais cedo do que teria acontecido em outras circunstâncias". A prioridade à educação, entretanto, não se resume à condição potencial de mãe, mas também a uma questão de direito e cidadania. Dos 900 milhões de adultos que não sabem ler e escrever, no mundo, dois terços são mulheres. Além do mais, as possibilidades de alfabetização das meninas são duas vezes menores do que as dos meninos. ▲

SAÚDE E EDUCAÇÃO, COMO SEMPRE

AS METAS

- Atenção especial à saúde e à nutrição das meninas, das gestantes e lactantes

- Acesso dos casais a informações e serviços essenciais à prevenção de gestações precoces, frequentes, tardias ou numerosas



- Acesso das gestantes a cuidados pré-natais e durante o parto e assistência médica em emergências ou gravidez de alto risco
- Acesso universal à educação primária, com ênfase particular nas meninas, e programas intensivos de alfabetização de mulheres

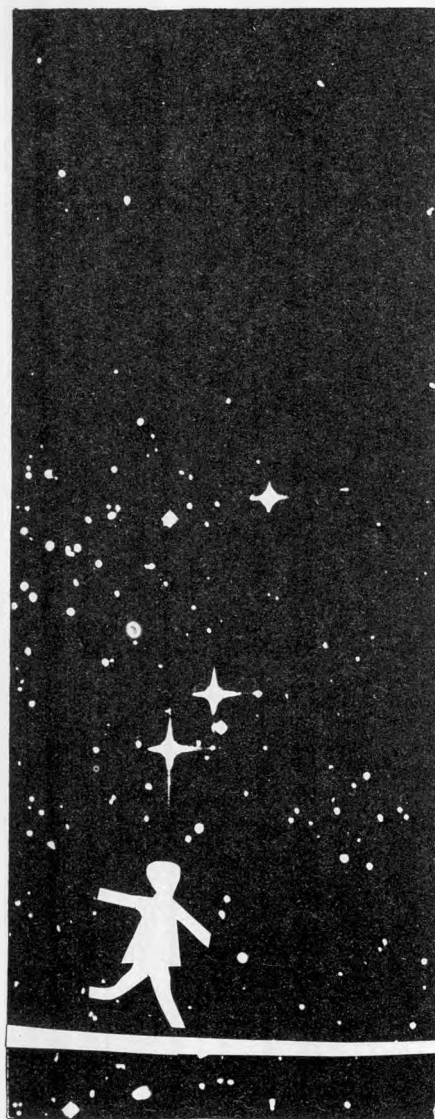
LINE QUER AFETO E PRAZER

Cida Alves

Numa dessas creches do lado pobre do Brasil, encontramos Line. Com seus três anos de idade, trazia nos olhos uma opaca distância e um corpo arqueado de quem tenta esconder as dores do peito. Em meio à zueira e ao choro das crianças, ela se destacava pela flácida inércia. A queixa, que resultou em nosso encontro, era de uma inadaptação ao ambiente da creche.

Nos primeiros dias que ficara ali, Line não estabelecia contato com sua monitora e seus colegas. Por sema-

nas, durante todo o período de estada, ela ficara postada em frente às grades que separavam a creche da rua, à espera da mãe. Seu ato de brincar era solitário. Nunca falava ou se deixava aproximar das pessoas. Quando alguém estranho entrava em seu universo, ela era tomada de pânico e se congelava em um enrigecimento corporal. Por instantes, assumia uma postura ereta, com o braço direito estendido e curvado na altura do cotovelo. Assemelhava-se, nestes momentos, a uma estátua de cera escul-



pida pelo pânico.

A hipótese diagnóstica do estudo anterior de seu caso era de um quadro maníaco-depressivo precoce, com acentuada expressão de angústia. Deixamos* esta suposição de lado, e buscamos sua história. Apesar da peculiaridade de todas as histórias, esta se igualava em muito com a de milhões de crianças, no Brasil. Mãe doméstica e assalariada, pai subempregado e alcoólatra, desassistidos de casa própria, educação, saúde e de um bom suporte emocional. Resultado: a convivência do casal era conflitiva e violenta.

Apesar de seu parto ter sido traumático, Line veio para nascer. Não estando na posição adequada, teve de ser arrancada pelos braços. Após duas semanas, a mãe percebe, devido a crises violentas de choro, que a criança havia fraturado a clavícula e o braço direito. Por três meses, Line ficou imobilizada por uma estrutura metálica, para se restabelecer. Durante este período, a mãe teve dificuldades na amamentação e, receando ferir a criança, não a tocava e nem a acalentava nos braços.

OS PAIS SEPARAM-SE. Line é deixada aos cuidados de uma parente, que a cria negligentemente. A criança é deixada

em um cama, sem qualquer estímulo físico ou afetivo. Por tais tratos, ela entra em um grave estado de subnutrição, não conseguindo se movimentar. Sua musculatura, então, atrofia.

Diante deste estado, os pais se juntam novamente para criá-la melhor. É neste momento que Line vai para a creche. Nesta volta para casa, e-



**"MORRO,
PORQUE NADA SINTO"**

la ficava muito pouco com os pais. Por uns dez minutos, a família se reunia inteiramente, quando a mãe, de volta do trabalho, buscava a filha na creche, e o pai, passando pelo mesmo trajeto, se dirigia para o emprego noturno.

Tínhamos, neste instante, a história de Line nas mãos, e na retina, uma clareza. Nes-

ta viagem ao seu universo, encontramos transcrito em seu corpo e em suas reações emocionais a experiência de seu nascimento.

O SEU PRIMEIRO CONTATO com o mundo extra-útero, de pessoas e coisas, é uma terrificante vivência de dor e angústia. O contato com o novo, com situações desconhecidas revive a trágica vinda de Line ao mundo. Numa tentativa de defesa da grande dor, ela generaliza: "o contato, o novo trazem a dor; por isso, devo me distanciar"

Ao ser invadida nesta distância por pessoas ou situações estranhas, Line retornava à mesma posição em que



ficara imobilizada por três meses na estrutura metálica. O retorno a esta posição, tanto a nível corporal como emocional, traduzia o seu imenso medo à dor. Dizendo simbolicamente: "Para que não me machuquem, que não me matem, eu mesmo morro, me entrego. Morro, porque nada sinto". Mas o corpo, as emoções não só trazem dores à Line, trazem também delíci

as. E era essa a tentativa que deveríamos seguir. Mostrar-lhe que o contato com as coisas, as pessoas e os eventos também podem dar prazer.

Na existência humana, trazemos a possibilidade da dor e do contentamento. A história passada de Line não mudará, mas o futuro e o presente são possibilidades e, nestas, o prazer e a satisfação podem se concretizar. Não podemos nos privar eternamente da dor. Se nada sentirmos para ocultar o sofrimento, não poderemos nunca provar a gostosura que é um beijo, um colo, um abraço carinhoso, o afeto pelo outro. É o risco que corremos.

Mas nem tudo é certo, neste planeta. Quando podíamos entender Line melhor, capacitando-nos assim a ajudá-la, o acaso dá sua irônica risada: ela sai da creche sem deixar endereço.

Agora, diante de nossa impotência, o que resta é a esperança de que, em seu caminho, Line possa encontrar, senão alguém que a compreenda, alguém que a ame bastante. O que ela tem, no fundo, é uma profunda subnutrição de afeto e satisfação.

* Fizeram o estudo deste caso os acadêmicos de Psicologia da UCG: Cida Alves, Ceres Leda, Marcélia Fernandes, Rosângela Rodrigues e Valquíria Ferreira

PARA QUE E PARA QUEM VIVER? PERGUNTA MIRELLA OROPALLO, EM UMA CARTA COM TRÊS FOLHAS MANUSCRITAS, NA QUAL DÁ O TESTEMUNHO DE SUA GERAÇÃO SOBRE O AMOR E A FELICIDADE



VÊNUS PASSOU POR AQUI

MIRELLA OROPALLO PASCOTTO, 16 ANOS, ACHA QUE É TARDE PARA ESCREVER UM DIÁRIO, MAS QUER DIZER MUITO SOBRE O QUE PENSA, O QUE VÊ E O QUE SENTE PELA VIDA. ELA FALA SOBRE OS CONTOS DE FADAS, OS HOMENS E OS MAIS SINCEROS SENTIMENTOS.

MIRELLA ESCREVEU A CARTA, DA QUAL REPRODUZIMOS TRECHOS, EM MAIO DO ANO PASSADO. TRÊS MESES DEPOIS, NO DIA 14 DE AGOSTO, ELA MORRERIA AO CAIR DO NONO ANDAR DE UM EDIFÍCIO, EM SÃO PAULO, ONDE PARTICIPAVA DE UMA REUNIÃO COM AMIGOS.



"EU VIVO, O PROBLEMA NÃO É ESSE"

"06/05/90, domingo chuvoso

Acho que é um pouco tarde para mim escrever um diário, afinal com 16 anos...

Isto não é bem um diário, são meus sentimentos, o que eu sinto e que sempre quis dizer a todas as pessoas, mas eu não consigo me expressar muito bem, vou ver se aqui e consigo dizer tudo o que eu sempre quis dizer!

Primero lugar, eu queria viver, mas eu vivo, o problema não é esse, o problema é ter que viver para quê? Ou para quem?

Eu quero encontrar algo que me faça querer viver eternamente, acho que é a felicidade.

Sabe, eu queria encontrar um 'cara' que me fizesse feliz, eu sei, isso todo mundo quer, mas eu também quero! Eu quero uma pessoa para viver altas aventuras, poder falar de tudo com ele, alguém que queira me proteger deste mundo tão sujo, sujo não, mas perigoso, eu quero encontrar uma pessoa que quando eu olhe para ela eu sinta prazer, excitação, sei lá, que seja diferente de todos aqueles que eu já fiquei, quero que o beijo dele seja diferente, sei lá, que tudo seja diferente!

Pô, eu quero amar, eu quero saber como é isso, eu sei que todo mundo fala que eu sou muito criança, mas eu não sou! Eu quero saber como é a 'coisa' de que todo mundo conta, todos os livros falam sobre, todo o filme tem, a vida é fundamental nisso, no amor!

As vezes eu penso que quero viver uma aventura amorosa com alguém que seja inteligente, simpático, mais velho, tipo uns 30 anos, e acima de tudo bem charmoso, mas isso não é o mais importante. O mais importante é ter alguém que possa me proteger, que seja meigo, cuidadoso, mas que não seja um bobão!!!!

pendência do ensino tradicional desde 1984, após dois anos de discussões sobre o conteúdo e a forma das disciplinas programadas pela Secretaria Municipal de Educação. Ao trocar o oficial pelo real, sua equipe passa a ver resultados surpreendentes: a evasão desaparece, a reprovação diminui a cada ano, os alunos não gostam de faltar às aulas e nem têm medo de provas, e o aprendizado se dinamiza.

"As mudanças só aconteceram mesmo depois que os professores deixaram de impor coisas aos alunos", diz a professora Maura Leles. O roteiro foi um só: deixar que eles trouxessem para a escola a sua realidade e não o contrário. Isso significou, no início, algo impensável: a Salomão Clementino estava abandonando os livros didáticos. Em seu lugar, mestres e pupilos começaram a fazer suas próprias produções. Em 1984, estava pronta a primeira cartilha, em que as palavras estudadas e sugeridas pelos alunos tinham o poder de se transformarem em realidade.

Assim, "lata" virou um bo-

neco de metal, "salada" (de frutas) foi devorada e "pipa" subiu com o vento. Materializar o objeto de estudo, juntando a teoria e a prática, foi um trunfo que permitiu a extensão das aulas para fora da sala, particularmente quando a disciplina enfocava ciências.

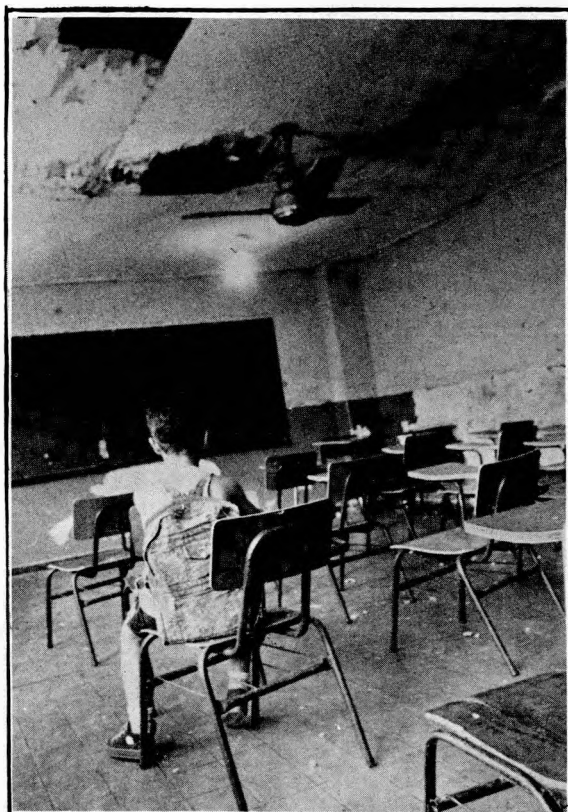
Uma vez em contato com plantas, bichos e meio-ambiente, os alunos não tiveram dificuldade para expandir o seu universo e dissolver a escola na comunidade. Nas campanhas de vacinação, eles se engajam, seja distribuindo panfletos, seja conduzindo as pessoas aos postos, nos dias marcados. Por isso, Flávia, 8 anos, 3ª série, garante: "estudar aqui é ótimo; a gente aprende e brinca".

PEDAGOGOS-BABÁS

Situações semelhantes, em centenas de escolas que descobriram o estudante como cidadão, têm tornado o Brasil um imenso laboratório, onde uma turbulência de métodos, políticas e teorias anuncia uma nova escola. Pa-

BAGDA CAFÉ

PARECE A CAPITAL DO IRAQUE APÓS A GUERRA, MAS NÃO É. O CENÁRIO É DE UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO, EM GOIÂNIA



EURÍPEDES JÚLIO

ra o educador Miguel Arroyo, da Universidade Federal de Minas Gerais, as mudanças culturais e sociais vêm demandando um novo modelo de ensino, em que "os pedagogos devem deixar de serem babás e a educação deve ser compreendida como um processo permanente de vivência, extrapolando os limites físicos da escola".

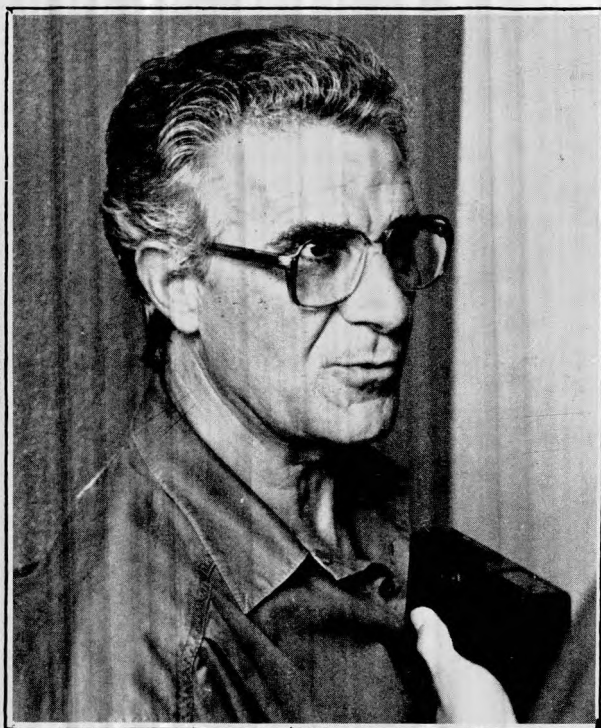
No Mato Grosso do Sul, a Universidade Federal rompeu tal demarcação com um projeto de alfabetização bilíngüe, que vai tentar resgatar a realidade de cerca de 40 mil índios que vivem espalhados pelo Estado. Estão

conta, porque, para o índio, ele é mais importante do que saber ler e escrever", afirma o coordenador do projeto, Gilson Martins.

A primeira experiência da educação bilíngüe foi desenvolvida em Amambai, na fronteira com o Paraguai, onde vivem seis mil Guaraní. A prefeitura da cidade elaborou um currículo especial para a aldeia, em que os períodos de colheita da cana-de-açúcar e do milho são respeitados. Nessas épocas, os Guaraní se reúnem para festejar e não vão às aulas.

Em Parauapebas, no sul do Pará, o calendário de ensino

EURÍPEDES JÚLIO



PARA O EDUCADOR MIGUEL ARROYO É HORA DE DIZER "BEIJIN-BEIJIN, TCHAU, TCHAU" PARA AS BABÁS DA PEDAGOGIA. "A EDUCAÇÃO DEVE SER COMPREENDIDA COMO UM PROCESSO PERMANENTE DE VIVÊNCIA"

sendo observadas as suas necessidades de reintegração cultural, respeitando-se possivelmente todos os detalhes que uma educação indígena "formal" requisita. Atualmente, discute-se a melhor cartilha, o espaço - sala de aula ou ar livre -; senta-se no chão ou em carteiras? e a possibilidade de se usar o quadro-negro, ou meios naturais." O resgate cultural deve ser levado em

também obedece os períodos de plantio e colheita, para que os alunos não sejam prejudicados nas aulas e possam ajudar seus pais nessas atividades. E não poderia ser diferente. Das 122 escolas do município, 118 estão na zona rural. Lá e em Amambai, os resultados são idênticos: a evasão e os índices de reprovação caem progressivamente e a escola passa, de verdade, a fazer parte da vida.



GLACY QUEIRÓS ROURE

Escrever sobre as oficinas de leitura da Aldeia Juvenil que acontecem aos sábados, no Jardim Olímpico, é falar de forma apaixonada, misturando concepções teóricas sobre a importância do incentivo à leitura como instrumento fundamental na formação de uma consciência mais crítica com o gosto e o prazer sentido de perceber a sua descoberta pelas crianças e adolescentes.

Utilizar a literatura infantil como elemento da prática educativa desenvolvida, ali, parte do pressuposto de que ler é bem mais do que receber informações ou decodificar símbolos. Ler é também produzir sentidos. É participar como co-autor, redimensionando muitas vezes o sentido já estabele-

cido pelo autor.

Contrapomo-nos à concepção de que ler é interpretar. A leitura é também um momento de produção, onde os sentidos produzidos e percebidos dependerão efetivamente de todo o cabedal de experiências já internalizadas pelo menino, assim como das leituras já realizadas anteriormente. Ler, portanto, é saber que o sentido pode ser outro.

Apesar de concebermos a literatura infantil fundamental na alfabetização, permitindo à criança a formulação de conceitos durante seu processo de aquisição da leitura e escrita, nossa intenção é prioritariamente desenvolver o gosto e o prazer por ela.

Através dos livros, toda e qualquer criança pode viajar, descobrir outros lugares, viver aventuras nunca imaginados, novas culturas

e costumes e diferentes modos de ser e agir. Não existe limite de tempo e espaço. Pode ainda descobrir que os personagens trazem dúvidas, temores, conflitos e inseguranças semelhantes às suas, e que, de uma forma ou outra, luta pela construção de uma vida melhor.

DIFERENTES TIPOS de leitura podem, portanto, proporcionar a descoberta de um mundo imenso de conflitos, mas esclarecendo dificuldades e possibilitando a busca de caminhos para sua resolução.

Desta forma, possibilitar momentos em que tais crianças imaginam-se heróis ou bandidos é também permitir que se coloquem em situações que lhes permitam uma visão global e inteira do seu papel e do seu grupo na sociedade e, portanto, da construção de sua história.

Porém, para que tais momentos sejam possíveis não podemos conceber a leitura como um ato de decodificar

signos. Leitura é poesia, magia, fantasia. É voar, viver tantas vidas quantas forem as aventuras, suscitando o imaginário de cada um de nós.

Daí, a necessidade de que utilizemos toda a nossa sensibilidade no momento de ler. Todos os nossos sentidos devem ser requisitados. Não lemos apenas os signos escritos, mas também as imagens brilhantes e coloridas dos livros que se apresentam à nossa frente. Sentimos o cheiro do papel novo, recém saído das editoras, ou do livro velho doado pela Biblioteca Estadual. Passamos os dedos pelas páginas saboreando com os olhos as imagens que nos desfilam.

O que vivemos nas oficinas da Aldeia Juvenil foi apenas um início, mas que deu certo. O incentivo à leitura como um ato prazeroso não é o nosso único objetivo. A literatura infantil deve ser um instrumento para se desenvolver uma alfabetização alternativa. ▲





Força AVE

Cerca de 15 milhões das 50 milhões de crianças brasileiras de zero a 12 anos correm o risco de sofrer algum modo de violência sexual. O alerta é da Sociedade Brasileira de Prevenção aos Abusos e Negligência na Infância (Abpani), que estima

são de que 4% dos atendimentos médicos semanais em crianças, no país, estão relacionados com este tipo de violência, mas a Abpani acredita que o percentual é bem mais elevado.

A CONVIVÊNCIA DA FAMÍLIA chega, às vezes, ao absurdo. Em Campo Grande (MS), por exemplo, a doméstica Maria José de Souza defendeu o marido de uma acusação de duas tentativas de estupro contra a própria filha, de seis anos, alegando que a culpa era da menina. "Ela é muito assanhadinha", afirmou Maria José, para espanto da delegada de polícia que atendia o caso. Já o acusado garantiu que tudo não passou de imaginação da menina.

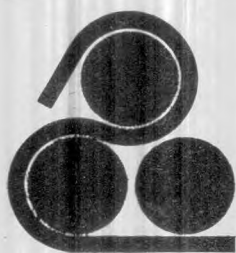
Nos Estados Unidos, estes casos familiares também são rotina, mas o que mais chama a atenção é a transferência da agressão. De acordo com o Institute for the Community as Extendend Family, 85% das vítimas de abuso sexual são meninas e 92% dos agressores são homens. Destes, 70% também sofreram algum modo de violência sexual na infância. ▲



que 30% das mulheres e 15% dos homens sofreram, quando crianças, abusos sexuais.

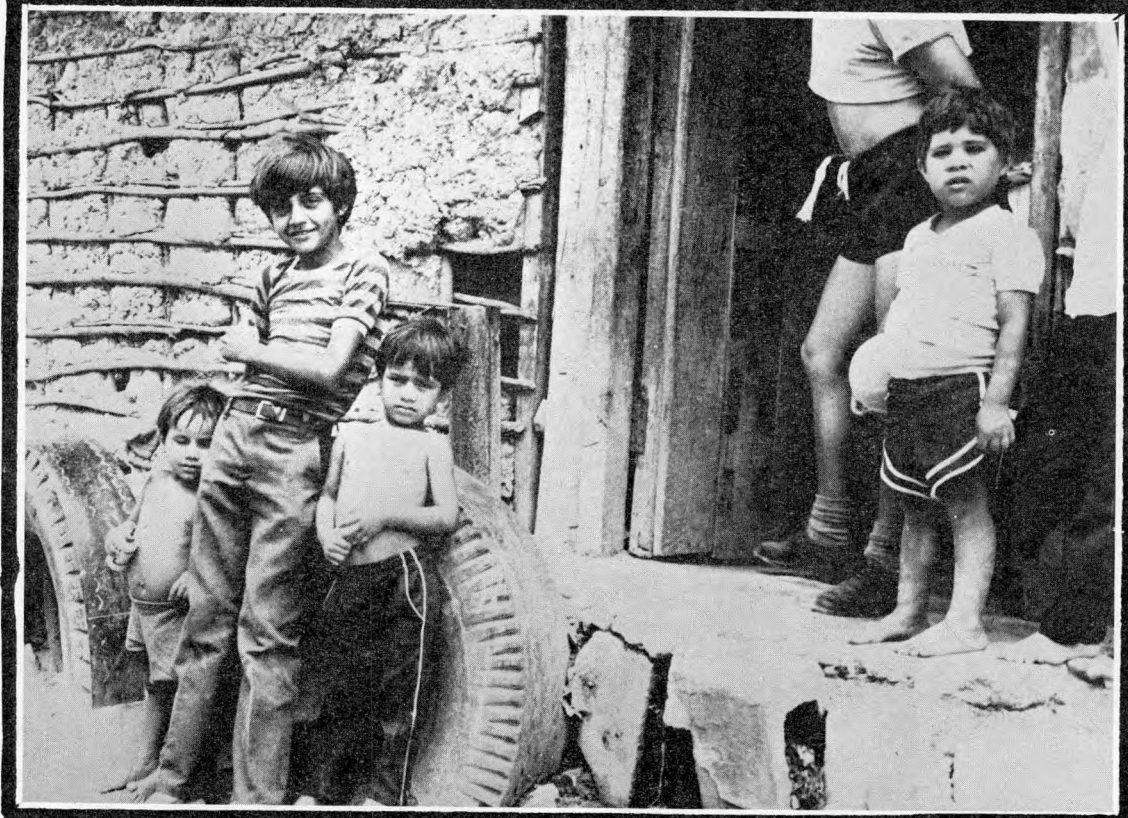
Um dos principais problemas enfrentados, nestes casos, é a omissão nas denúncias por parte de familiares, profissionais de saúde e hospitais. As estimativas

**Conheça
a coleção
de Postais
Índios
do Brasil**



Editora da UCG

Av. Universitária, 1440, S. Universitário - Prédio da Reitoria
Fone: 225-1188 - Ramal 1886 - Goiânia-GO.



EM EL SALVADOR, AS CRIANÇAS NÃO TÊM ESCOLA.
OS CAMINHOS SÃO PERMANECER NA MISÉRIA OU SUBIR
AS MONTANHAS PARA TORNAREM-SE GUERRILHEIROS

- é quase a mesma. São milhões de favelados, de sem casas, de sem terras. Tortura nas delegacias de polícia e uma violência da justiça sempre com os pobres, sejam crianças ou adultos. Sejam negros, mestiços, índios ou brancos. Todos pobres.

NA COSTA RICA, que parece menos miserável, eles também sofrem com a violência e a discriminação. Nos grandes banais - quase todos da americana United Fruit Company -, há milhares de trabalhadores estéreis ou impotentes devido ao longo manuseio de agrotóxicos, nos anos 70. Pais e mães que escaparam à esterilidade esterilidade, hoje, estão tendo filhos com deficiência física ou mental.

Na Nicarágua, agora sem os

sandinistas no poder, jornais denunciam fome, doenças e falta de atendimento às crianças. Violeta Chamorro, presidente eleita com apoio e promessas americanas, cortou todos os programas destinados aos filhos e à juventude. É um escândalo nacional: meninos e meninas de rua cheirando cola - e passando fome. Antes, eram os "mimados da revolução".

Na Guatemala, numa operação terra arrasada, o governo fez desaparecer cerca de 500 aldeias dos índios maia e enterrou mortos em vala comum, passando trator por cima de tudo - inclusive das crianças. No México, os adultos também estão pelas ruas, famintos e desempregados. Cuba (cruz credo!) é o país da América Latina onde as crianças não sofrem assim. Aliás, elas são as comilonas do continente. Dá uma inveja... (NILTON JOSÉ)



ASAS DA LIBERDADE

A ESCOLA SALOMÃO CLEMENTINO DESCOBRIU QUE LIBERDADE RIMA COM CRIATIVIDADE. É O ENSINO DE QUEM ENTENDE DE PESSOAS

O LADO DE FORA DA ESCOLA

INICIATIVAS DE PROFESSORES E ALUNOS
FAZEM DA ESCOLA UM LUGAR DIFERENTE, MAIOR E BEM
MAIS RICO, APESAR DA SITUAÇÃO DE ABANDONO

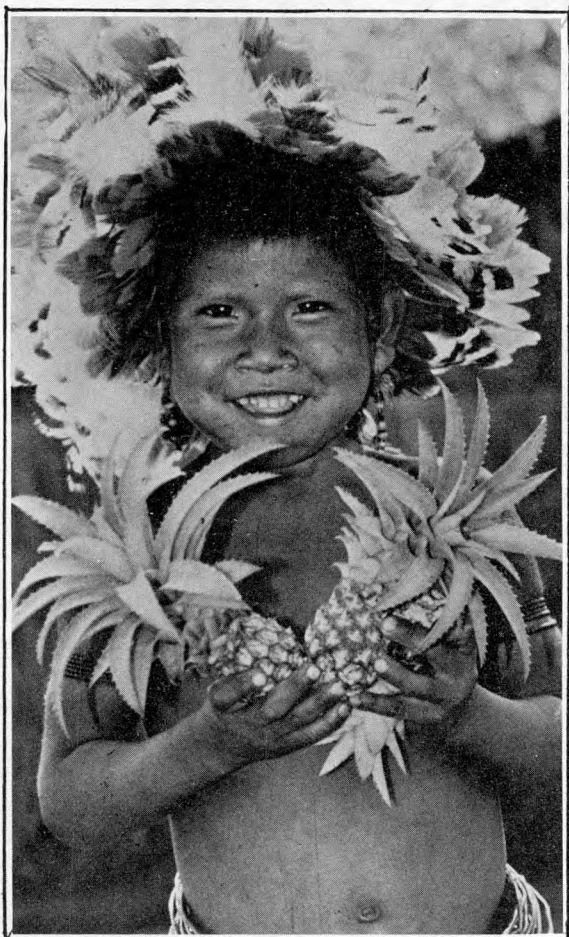
O substantivo educação, no Brasil, não tem conseguido atrair mais do que adjetivos pejorativos. Motivos sobram e todos os conhecem. Da política educacional às condições de vida daqueles que deveriam ser professores e estudantes, mas não o são por uma série de contingências, o ensino brasileiro é como uma Bagdá pós-guerra: restam sobreviventes e destroços.

Apesar do quadro, nos últimos anos, centenas de iniciativas particulares vêm dando um novo colorido às escolas, particularmente àquelas que trabalham com o primeiro grau. Desafiando falta de verbas, baixos salários e deploráveis condições de trabalho, educadores e educandos de todas as regiões do país esforçam-se para devolver à sociedade um direito inscrito em todas as constituições, mas negado por uma tradicional de-

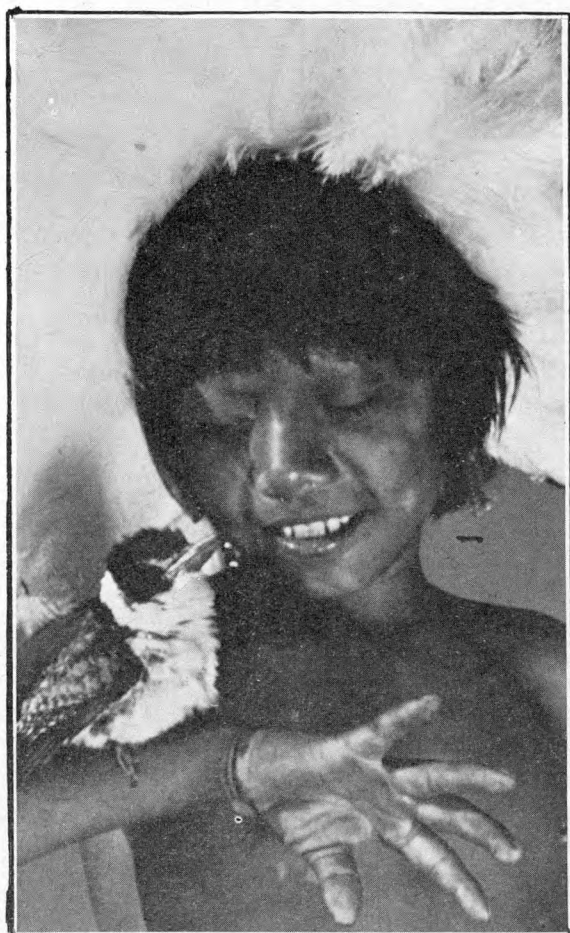
liquência política.

Ao longo da última década, o cotidiano, até então excluído, invadiu a escola para rabiscar os primeiros esboços de um novo ensino, em que a vida torna-se uma intermitente prioridade. O primeiro diagnóstico - tão palpável quanto as condições físicas das escolas - é que o ensino, orientado por delegacias, secretarias e ministérios, pouco tem a ver com a realidade e as necessidades de cada local. Determinações massificantes como currículo e calendário, longe de tornarem eficiente a educação, apenas engessam a criatividade e a espontaneidade das comunidades escolares. Contra esta camisa-de-força, a realidade torna-se a principal arma.

Foi o que fez a Escola Municipal de 1º grau Salomão Clementino de Faria, em Goiânia, que proclamou sua inde-



Ali existe apenas o mundo, essa mistura de homens, espíritos, bichos, plantas, chuva, terra e sol. A terra, o paraíso, os meninos correndo por caminhos que se perdem na selva e se encontram no rio. Tudo como no princípio. Uma vida bem maior do que a própria vida.

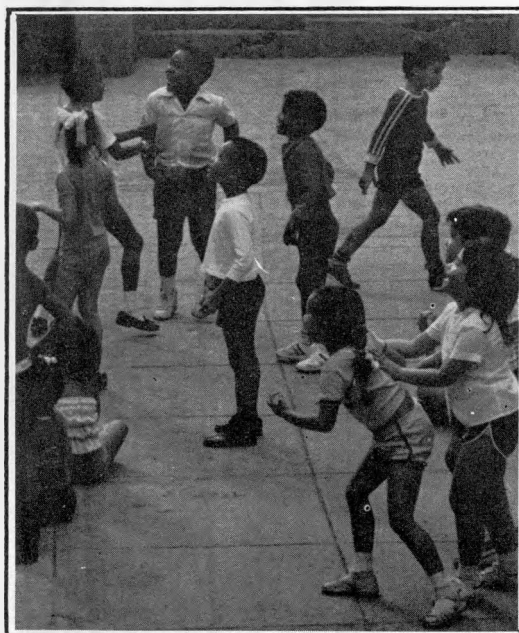


E' UM LUGAR ONDE AS CRIANÇAS SÃO COMILONAS.TODAS

Barrantes, ex-prefeito de Lima, no Peru, tem uma frase ótima: "Henry Kissinger costumava dizer que as crianças na América Latina nascem com um pedaço de pão debaixo do braço. Mas eu digo que, agora, elas nascem com o pedaço de pão debaixo do braço e uma parte da dívida externa nas costas". Ao chegar ao mundo, o anjinho já recebe uma bruta dívida de mil dólares.

Além do susto, uma carga que se arrastará pelo resto da vida, dependendo do país, como o Brasil, por exemplo. Informações assim estão em Niños Deudores (Crianças Devoradoras), da americana Estela Bravo. Impressionam o abandono e a miséria que estão matando milhões (no Ano Internacional da Criança foram 17 milhões de fome no mundo). Também impressiona a consciência que meninos e meninas estão tendo, apesar de tudo.

Em Niños Deudores, um garotinho, desse tamanho assim, de uma escola na periferia de Bogotá, Colômbia, ao comentar a fala de um colega que garante que o país não tem dinheiro para pagar a dívida, nos derruba: "Eles nos roubam e nos exploram. Querem dinheiro, dinheiro e mais dinheiro. E nós passamos fome, tudo. Mas o problema não é pagar a dívida, não. O problema é que se a Colômbia fosse livre..."



NILTON JOSÉ

CUBA: UMA SITUAÇÃO DIFERENTE

PARECE ENGRAÇADO misturar fome e liberdade, mas, creio, toda miséria está ligada à liberdade que lutamos para conseguir desde o descobrimento da América. Quase 500 anos e a matança continua. No México, à época da descoberta, um capitão espanhol, voltando do mato com cães famintos, pegou uma criança índia e picou em pedacinhos para alimentá-los. Hoje, no Brasil, mil crianças morrem por dia de fome ou "de polícia".

Passsei recentemente por oito países (Peru, Panamá, Nicarágua, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, México e Cuba) e a situação das crianças - na cidade e no campo

"Sou
com
pessoas
que não
existem"



"Quero
algo que
faça-me
viver
eternamente"



Os meus outros namorados eram superlegais, super legais, mas não tinham aquele 'tchã', sabe, aquilo que faça com que eu me apaixone, quero um homem que me faça mulher, que me ensine coisa novas, como viver.

Tenho medo porque hoje as pessoas não se importam umas com as outras. As meninas ficam com os meninos, mas sem amor, sem sentir absolutamente nada, só pela beleza física, e sei que não posso falar muito. Mas também não sou assim tão insensível.

Sou uma pessoa sonhadora, sonho com pessoas que não existem e que nunca poderão existir, quase sempre é um homem por quem me apaixonei, e ele se apaixonou por mim, nós vivemos uma vida em conjunto assim como um filme, um conto de fadas. Os meus sentimentos são os mais sinceros.

Sei que um dia vou me casar e ter filhos, sei que vou amar, mas às vezes fico imaginando coisas, tendo sonhos impossíveis.

No meu mais profundo, acho que sou uma pessoa fraca que precisa de alguém.

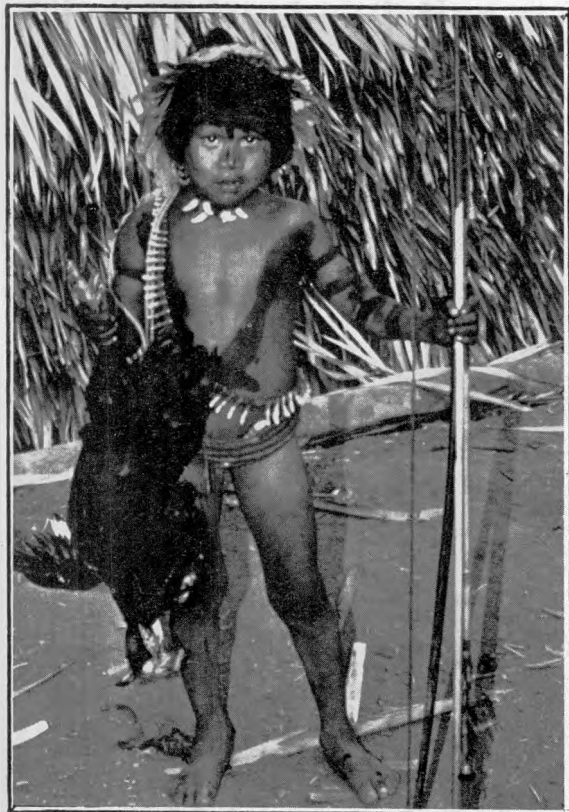
Quero que um dia tudo isto esteja sendo lido por alguém muito especial. Queria ter significado alguma coisa para alguém e alguém tivesse sido algo para mim..."





·:NÓS, A NATUREZA

Nas selvas de Rondônia, os curumins Uru-Eu-Wau-Wau vivem de um único jeito: felizes. É uma invejável relação com a natureza, da qual eles não se sentem parte, sentem-se a própria natureza, sentem-se como a si mesmos. E têm uma única aspiração: a vida.



FOTOS: WOLF JESCO VON PUTTKAMER